



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A PRESENÇA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

ANDRADE, Érica Batista. UEPB

BARBOSA, Luciana Silva. UEPB

SILVA, Alzira Maria de Lima. UEPB

RESUMO:

Este artigo constitui um relato da experiência vivenciado durante a disciplina de estágio supervisionado IV no curso de Pedagogia da UEPB, e tendo como campo de atuação uma turma de Pré escolar 1 e 2 da creche Beatriz Hamad Gomes, situada no bairro do Araxá, município de Campina Grande – PB. Relatar essa vivência justifica-se pela necessidade de divulgar como está se dando a aproximação de licenciandas com a escola, por meio do estágio supervisionado oferecido na graduação, com atenção especial ao que diz respeito as relações de gênero observadas e analisadas no lócus da pesquisa. Assim, objetiva-se narrar como vem se dando esse processo e refletir sobre a sua influência tanto na formação de estudantes de Pedagogia, como na construção dos papéis cognitivos e sociais do educando. A reflexão se dá à luz de documentos oficiais como o Referencial Curricular para a Educação Infantil, e de estudiosos, como Louro (1992).

PALAVRAS CHAVE: Gênero, Educação Infantil, Docência.

INTRODUÇÃO

Constantemente, nas atividades diárias, nas brincadeiras, nos jogos, é reforçada a educação sexista, onde meninos e meninas se desenvolvem com conceitos discriminatórios sobre gênero, sobre o que é esperado e desejado para ambos, reforçando os modelos de feminilidade e masculinidade pensados e impostos pela cultura hegemônica. A disseminação dessas práticas é realizada frequentemente pela professora e também pelas próprias crianças, que já internalizaram e reproduzem cotidianamente uma educação sexista. A escola, portanto, não se apresenta como um espaço plural no qual há uma problematização e superação dos processos de discriminação, e sim como um espaço gerador e reproduzidor de uma educação sexista.

O presente trabalho, portanto, visa uma breve análise a cerca da temática de gênero, estando presente no contexto da educação infantil, assunto este bastante comum



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

no cotidiano escolar, mas que por vezes é omitido das pautas importantes do contexto educacional. Contudo, por acreditar que a escola seja um espaço que promove o conhecimento e o desenvolvimento de seres críticos e participativos, onde se formam sujeitos, corpos e identidades, onde se deve referenciar o respeito, o diálogo, o convívio e a diversidade; e onde se devem questionar as relações de poder e analisar os processos sociais de produção de diferenças e de desigualdades se faz válida a tentativa de compreender e talvez reajustar a órbita dessas questões na vida escolar e cotidiana de diversos indivíduos aqui colocados como educandos, repensando antigas práticas educativas e reformulando-as.

O mesmo toma como base as experiências vivenciadas durante o período de estágio curricular supervisionado IV em Educação Infantil, que foi desenvolvido no primeiro semestre de 2013, e que aqui é analisado buscando promover uma reflexão a cerca das influências das relações de gênero dentro da escola, da presença do poder na formação de identidades proporcionado por este veículo, bem como o incentivo ou a repressão que pode ocorrer dentro dos espaços escolares onde os docentes se apresentam como força promotora de tais eventos, nos quais se pode observar e sentir as questões, estando estes presentes não só nas brincadeiras, mas podendo ser encontrada mediante a fala, o agir e/ou do comportamento dos professores, pais e principalmente das crianças, aqui observados em uma creche da rede municipal de Campina Grande-pb.

O estudo tomou como aporte teórico alguns autores que tratam do tema, tais como LOURO (1992 e 2003); SILVA (2000); BRASIL (1998), e está composto de sessões que caracterizam o lócus da experiência, exploração das relações de gênero dentro do ambiente escolar interligando-as com questões que polemizam e merecem ser discutidas para o desenvolvimento do respeito à diversidade e ao melhor entendimento e derrubada de antigos hábitos. Portanto é correto afirmar que o presente trabalho visa despertar questões relativas às relações de gênero presentes dentro da educação infantil onde são refletidas dentro das brincadeiras uma vez que é por meio desta que a criança se expressa, interagem com o mundo e constroem sua identidade.

O LÓCUS DA EXPERIÊNCIA



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

A experiência aqui colocada trata-se de um relato de experiência vivenciado durante o período de estágio da disciplina curricular, Estágio Supervisionado IV em Educação Infantil que se caracteriza pela atuação docente do graduando dentro de sala de aula. O campo de pesquisa foi à creche Beatriz Hamad Gomes, situada no bairro do Araxá, na cidade de Campina Grande-pb sendo esta escolhida devido ao fato de já ter aberto suas portas para campo de estágio em uma disciplina anterior (Estágio Supervisionado III), proporcionando assim uma maior segurança na obtenção e pesquisa das informações adquiridas. A instituição funciona desde 1988 e atende as crianças em tempo integral, manhã e tarde, sendo de 07h00 da às 17h30.

O espaço físico da creche é composto por um amplo terreno, onde podemos encontrar um belo jardim com algumas árvores onde as crianças podem brincar e também assistirem aulas diversas ao ar livre; adentrando encontramos as várias dependências da creche, tais como: a secretaria; o cantinho do descanso; a cozinha e a despensa; banheiros para os funcionários; o almoxarifado; duas salas do Pré e o cantinho da convivência, onde as crianças podem ler, brincar, socializar entre si e se transformar em personagens diversos, uma vez que existem muitos recursos para a utilização e brincadeiras. Caminhando mais aos fundos da creche temos a lavanderia; três banheiros, sendo um feminino, um masculino, e um adaptado para cadeirantes; temos ainda um pátio coberto onde as crianças brincar livremente; um banco de areia; chuveiros coletivos; e as salas de aula que abrigam as turmas do Maternal.

O quadro de funcionários divide-se por turno e suas atividades são de acordo com a rotina da creche, onde atualmente estão trabalhando 24 funcionários, entre professoras, coordenadora, cozinheira e auxiliar de cozinha, lavadeira, vigias, serviços gerais e técnicos, os mesmos em sua maioria possuem nível de graduação, existem também especialistas e uma doutora.

O GÊNERO TAMBÉM “CRESCER” NA CRECHE



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

A questão de gênero é posta para a criança desde seu nascimento, quando a mãe com a criança ainda em seu ventre já procura saber o sexo do bebê, assim quando nasce esse indivíduo já possui um gênero definido para a sociedade, homem ou mulher. Com o passar do tempo com seu crescimento, maturação, entendimento do mundo, aliado ao reforço da sociedade, a criança constrói sua identidade de gênero mediante as experiências vivenciadas primeiramente no seio familiar e posteriormente na escola.

Para Louro (1992, p. 57),

Gênero, bem como a classe, não é uma categoria pronta e estática. Ainda que sejam de naturezas diferentes e tenham especificidade própria, ambas as categorias partilham das características de serem dinâmicas, de serem construídas e passíveis de transformação. Gênero e classe não são também elementos impostos unilateralmente pela sociedade, mas com referência a ambos supõe-se que os sujeitos sejam ativos e ao mesmo tempo determinados, recebendo e respondendo às determinações e contradições sociais. Daí advém a importância de se entender o fazer-se homem ou mulher como um processo e não como um dado resolvido no nascimento. O masculino e o feminino são construídos através de prática sociais masculinizantes ou feminizantes, em consonância com as concepções de cada sociedade. Integra essa concepção a idéia de que homens e mulheres constroem-se num processo de relação.

Desta forma, as relações de gênero dizem respeito a construções sociais que a sociedade impõe sobre as manifestações físicas e biológicas do ser humano, onde o sexo é socialmente construído para representar e diferenciar o homem da mulher, ou o macho da fêmea, moldando assim a identidade do indivíduo.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger – arbitrariamente – uma identidade específica como parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. (SILVA, 2000, p. 83)

A educação infantil é o momento em que a criança está aberta potencialmente para conhecer o mundo e ser transformado por este, sendo nesse momento em que as atividades, ações e condutas direcionam os valores, comportamentos e a personalidade do indivíduo em crescimento, possibilitando ao mesmo, diversos estímulos pelos quais a criança formará sua identidade e se posicionará perante a sociedade. É correto afirmar



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

que aquilo que se estimula na criança durante a infância é o referencial que ela levará durante o restante de sua vida, uma vez que estes estímulos possam ser positivos ou negativos, influenciará diretamente sobre o desenvolvimento da criança, seja para o bem ou para o mal, e em todos os aspectos de sua vida, portanto a educação infantil tem por finalidade proporcionar o desenvolvimento integral das crianças por meio do envolvimento que é proporcionado na instituição que a abriga, paralelamente com a família da mesma.

A situação que deu origem a este trabalho foi escolhida por se relacionar ao tema na medida em que abrange as relações de gênero de diversas formas. A primeira observação foi a de um aluno do pré-escolar 1 de apenas 4 anos de idade que relatou que sua mãe tinha uma namorada “minha mãe tem uma namorada, a tia Ana” (aluno x), ou quando algumas crianças do sexo masculino disseram por meio de uma conversa informal durante a aula, que azul era cor de menino e rosa de menina. Estas questões foram vivenciadas ainda no momento das brincadeiras, quando elas próprias escolhiam os participantes da brincadeira, sendo que as atribuições dos participantes se diferenciavam perante o sexo, onde os meninos sempre se sobressaem nas vozes de comando sobre as meninas. Na ocasião as crianças escolheram brincar de ladrão e polícia, brincadeira que demonstravam gostar bastante, pois era repetida todos os dias, onde os meninos eram os que sempre se colocavam na posição superior de policial, sobrando para as meninas quase sempre o papel dos bandidos a serem perseguidos.

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (e, usualmente, diversas). Os gêneros se produzem, portanto, nas e pelas relações de poder (LOURO, 2003, p. 41).

O referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI), afirma que é importante para o desenvolvimento da criança ser inserida e participar de diversas atividades que possibilitem tanto seu desenvolvimento cognitivo, como seu desenvolvimento motor, portanto se faz necessário proporcionar à criança, meios que a possibilitem a estimulação de todos os seus membros e articulações, e um veículo bastante utilizado para este fim são as brincadeiras, contudo a discriminação entre



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA

SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

brincadeiras de menino e brincadeiras de menina traz uma perda para esta última quando a elimina da participação destas atividades.

É importante possibilitar diferentes movimentos que aparecem em atividades como lutar, dançar, subir e descer de árvores ou obstáculos, jogar bola, rodar bambolê, etc. essas experiências devem ser oferecidas sempre com o cuidado de evitar enquadrar as crianças em modelos de comportamento estereotipados associados ao gênero masculino e feminino, como por exemplo, não deixar que as meninas joguem futebol ou que os meninos rodem o bambolê (BRASIL, 1998, v. III).

Nesta perspectiva se faz importante a reflexão acerca da conduta do profissional de educação que não deve diferenciar as atividades e que na maioria das vezes está impregnado de condutas de gênero e acaba por promover a segregação das crianças permitindo assim a construções das bases discriminatórias atribuídas ao que pode e ao que não pode para a mulher e para o homem dentro da sociedade acabando por construir os papéis sociais e reproduzir velhas práticas preconceituosas.

O processo de "fabricação" dos sujeitos é continuado e geralmente muito sutil, quase imperceptível. Antes de tentar percebê-lo pela leitura das leis ou dos decretos que instalam e regulam as instituições ou percebê-lo nos solenes discursos das autoridades (embora todas essas instâncias também façam sentido), nosso olhar deve se voltar especialmente para as práticas cotidianas em que se envolvem todos os sujeitos. São, pois, as práticas rotineiras e comuns, os gestos e as palavras banalizados que precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamento e, em especial, de desconfiança. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa: desconfiar do que é tomado como "natural" (LOURO, 2003, p. 63).

Contudo, neste sentido é importante salientar que a professora da referida creche aqui citada não expressou nenhuma ação de repressão no que concerne a ditar as regras nem das brincadeiras, nem dos papéis desempenhados pelas crianças durante a realização da mesma, ou durante qualquer atividade relacionada ao brincar ou ao comportamento em sala, nunca tendo observado durante a permanência na creche sua imposição quanto à distribuição dos brinquedos ou a separação dos lugares ou a das brincadeiras para meninos e meninas. Portanto é de tarefa do professor combater as relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para e homens e mulheres e apontar para sua transformação incentivando, nas relações escolares, a diversidade de comportamento de homens e mulheres, a relatividade das concepções tradicionalmente



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTA MARIA-RIO GRANDE DO SUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

associadas ao masculino e ao feminino, o respeito pelo outro sexo e pelas variadas expressões do feminino e do masculino.

Desta forma é correto afirmar que no que diz respeito às condutas e práticas de gênero encontradas no lócus da experiência relatada, a bagagem e o reforço que impulsiona aquelas crianças a agirem de tal forma é algo que as mesmas trazem consigo de seus lares, pela observância e imitação dos adultos que com elas convivem e que constituem o primeiro e um dos principais grupos sociais e de apoio do indivíduo, revelando-se assim bastante complicado eliminar vícios, estereótipos e preconceitos na criança uma vez que estes são construídos e afirmados por pessoas de sua convivência e confiança, onde as palavras de “verdade”, são proferidas por seus pais ou cuidadores que detém e refletem o seu poder sobre as crianças.

Todavia, mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração dos papéis sociais, os estereótipos podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas torna-se uma forma de se apropriar da identidade sexual. A observação e sensibilidade do professor são ingredientes fundamentais para identificar as diferentes situações e ter clareza quanto aos encaminhamentos a serem dados (BRASIL, 1998, v. II, p. 42).

Portanto o trabalho com a família também é importante e fundamental quando se trata dessa questão para que as bases construídas na escola não sejam postas a baixo quando a criança volta para casa. Explorar a diversidade e dar margem para a inserção da família nos contextos escolares é de suma importância para fixar os pressupostos de respeito à diversidade ao outro.

CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho busquei relatar a experiências vivenciadas numa creche pública durante na qual tive oportunidade de estar mediante o estágio supervisionado IV que a instituição (UEPB), da qual faço parte enquanto graduanda do curso de Pedagogia me oferece. A minha participação ocorreu de forma ativa e despertou uma consciência sobre o fazer pedagógico, contribuindo significativamente no processo de formação voltado para a Pedagogia.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL
30 de julho a 01 de agosto de 2014

O interesse pela leitura e estudo das relações de gênero advém de bem antes do contato tido com a temática durante a disciplina para o qual esse trabalho se destina, contudo analisar essa perspectiva voltada para a educação infantil intercalando duas disciplinas em um mesmo semestre foi diferenciado e proveitoso, uma vez que estar inserida em um contexto educacional que promove o crescimento do licenciando na docência e poder aproveitar todas as experiências obtidas naquele local contribuiu imensamente para minha formação profissional. Desta forma afirmo que o campo de estágio é um momento único de aprendizagem e desenvolvimento profissional e humano, no qual se deve aproveitar ao máximo, ressaltando ainda que sem as informações obtidas pelo mesmo este trabalho não poderia ter sido confeccionado.

No que concerne à temática, como já dito anteriormente, foi efetivamente a junção do prazeroso, com a disponibilidade que se encontrava em minhas mãos, as relações de gênero evidentemente são desenvolvidas desde cedo nas crianças e na creche elas já são percebidas claramente. Como afirma Simone de Beauvoir (LOURO 2008 *apud* BEAUVOIR 1940, p.17) “não se nasce mulher, torna-se mulher”, então as crianças são bombardeadas a todo instante seja pela família, pela escola, pela sociedade, a internalizarem e desenvolverem identidades predeterminadas, concebidas a tempos para cada sexo. Desta forma então se perpetua as desigualdades e preconceitos da sociedade sexista e discriminatória. Considero ainda que esta experiência proporcionou-me crescimento inigualável, pois me levou a questionar práticas pedagógicas a que não estava acostumada, além de analisar materiais e atividades utilizadas no cotidiano da escola, o que nos instiga a buscar a inovação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998, volume II e III.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade**: pedagogias contemporâneas. Pro-Posições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008.



VI FIPED

FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA
SANTAMARIA-RIOGRANDEDOSUL

30 de julho a 01 de agosto de 2014

_____, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____, Guacira Lopes. **Uma leitura da História da Educação sob a perspectiva do gênero**. In: Teoria & Educação. Porto Alegre: Pannonica, nº 6, pp. 1992, pp. 53-67.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: _____ (org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 7-72.